

Turismo e Divulgação Científica: uma análise sobre o roteiro de Turismo Científico “Caminhos da Loucura – a história da psiquiatria no Brasil”

*Tourism and Scientific Dissemination: an analysis of the Scientific Tourism itinerary
“Paths of Madness – the history of psychiatry in Brazil”*

*Turismo y Divulgación Científica: un análisis del itinerario de Turismo Científico
“Camino de la Locura – la historia de la psiquiatria en Brasil”*

Bruna Ranção Conti¹
Maria Jaqueline Elicher²
Joice Lavandoski³

Este artigo foi recebido em 14 de JUNHO de 2023 e aprovado em 21 de DEZEMBRO de 2023

Resumo: A Divulgação Científica (DC) tem por objetivo a democratização da ciência, aproximando-a da comunidade da maneira mais dinâmica, acessível e atrativa possível. Os roteiros de Turismo Científico (TC) se enquadram como uma ação de DC, possibilitando a divulgação/construção de informações científicas em um momento de lazer. Assim, a DC agrega valor às práticas de turismo, muitas vezes descoladas da realidade local e responsáveis por impactos negativos, enquanto o Turismo se torna um meio interessante de interação do público com a ciência e de fortalecimento das práticas educativas. Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir o processo de criação de um roteiro de turismo científico, intitulado “Caminhos da Loucura: a história da psiquiatria no Brasil”. A metodologia de criação do roteiro envolveu as etapas de levantamento e análise de dados sobre a história da psiquiatria no Brasil; visitas de campo para seleção dos espaços que iriam compor o roteiro; levantamento de imagens antigas e atuais; definição do percurso e redação do texto para guiamento; diálogo com os atores institucionais envolvidos; realização de pré-testes e avaliações do roteiro. Os resultados evidenciam a dificuldade para a adequação das informações científicas ao público em geral e para conseguir realizar uma visita de alto teor científico em um curto espaço de tempo. Essa experiência demonstrou a necessidade de interlocução de profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Divulgação científica. Turismo científico. Roteiro turístico. História da Ciência.

Abstract: Scientific Dissemination (SD) aims to democratize science, bringing it closer to the community in the most dynamic, accessible and attractive way possible. The Scientific Tourism (ST) itineraries fit as an SD action, enabling the dissemination/construction of scientific information in a moment of leisure. Thus, SD adds value to tourism practices, often detached from the local reality and it is responsible for negative impacts. Meanwhile, Tourism becomes an interesting form of interaction between the public, science, and the strengthening of educational practices. This article aims to present and discuss the process of creating the ST itinerary “Paths of Madness: the history of psychiatry in Brazil”. The creation methodology involved the steps of surveying and analyzing data on the history of psychiatry in Brazil; field visits to select spaces that would make up the itinerary; survey of old and current images; definition of the route and writing of the text for guidance; dialogue with the institutional actors involved; carrying out a pre-test; and evaluating the itinerary. The results show the difficulty in adapting scientific information to the general public, as well as organizing a visit with a high scientific content in a short period of time. This experience demonstrated the need for dialogue between professionals from different areas of knowledge.

Keywords: Scientific dissemination. Scientific tourism. Tourist itinerary. History of science.

Resumen: Divulgación Científica (DC) tiene como objetivo democratizar la ciencia, acercándose a la comunidad de la forma más dinámica, accesible y atractiva posible. Los itinerarios de Turismo Científico (TC) se enmarcan

¹**Formação/curso:** Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento. **Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ, Rio de Janeiro – RJ, Brasil. **E-mail:** bruna.conti@unirio.br

²**Formação/curso:** Doutora em Geografia. **Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF, Niterói – RJ, Brasil. **E-mail:** maria.elicher@unirio.br

³**Formação/curso:** Doutora em Turismo. **Instituição:** UNIVERSIDADE DO ALGARVE, Faro – Algarve, Portugal. **E-mail:** joice.lavandoski@unirio.br

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

como uma acción de DC, possibilitando la difusión/construcción de información científica en un momento de ocio. Así, la DC agrega valor a las prácticas turísticas, muchas veces desvinculadas de la realidad local y responsable de impactos negativos; mientras que el Turismo se convierte en un interesante medio de interacción entre el público y la ciencia y el fortalecimiento de las prácticas educativas. Este artículo tiene como objetivo presentar y discutir el proceso de creación del itinerario de TC “Caminos de la Locura: la historia de la psiquiatría en Brasil”. La metodología de creación involucró etapas de recolección y análisis de datos sobre la historia de la psiquiatría en Brasil; visitas de campo a espacios seleccionados que conformarían el itinerario; relevamiento de imágenes antiguas y actuales; definición de la ruta y redacción del texto de orientación; diálogo con los actores institucionales involucrados; realización de test y evaluación del itinerario. Los resultados muestran una dificultad para adaptar la información científica al público en general, así como lograr una visita de alto contenido científico en un corto periodo de tiempo. Esta experiencia demuestra la necesidad de diálogo entre profesionales de diferentes áreas del conocimiento.

Palabras Clave: Divulgación científica. Turismo científico. Itinerario turístico. Historia de la ciencia.

1 Introdução

A Divulgação Científica (DC) consiste na prática de disseminação de informações científicas de forma mais acessível, uma vez que tanto o acesso, quanto a compreensão dos registros de trabalhos científicos pode ser difícil para quem não é do meio acadêmico. Um dos desafios mais comuns encontrados nessa prática é a transposição de conteúdos técnico-científicos complexos para uma linguagem mais acessível. O objetivo central é o de fomentar o processo educativo e despertar interesse do público para as informações científicas (TOSTES, 2006).

Nesse sentido, o papel da DC é a democratização da ciência, aproximando-a da comunidade da maneira mais dinâmica, acessível e atrativa possível (MARANDINO; ISZLAJI; CONTIER, 2015). Para isso, é possível pensar em diversas alternativas, como contas em redes sociais de amplo acesso (*Instagram, Twitter, TikTok*), ações em escolas (palestras, exposições, oficinas, feiras de ciências), construção de museus e centros de exposições abertos à visitação, dentre outras.

A elaboração de roteiros de Turismo Científico se enquadra como uma alternativa de DC, possibilitando a divulgação de informações científicas em um momento de lazer. Há, portanto, uma via de mão dupla: 1) a DC agrega valor às práticas de turismo, muitas vezes descoladas da realidade local e responsáveis por uma série de impactos negativos (degradação ambiental, descaracterização da cultura local, entre outros), e 2) o Turismo se torna um meio interessante de interação do público com as informações científicas a serem comunicadas e um recurso para o fortalecimento das práticas educativas.

A origem do Turismo Científico pode ser inicialmente identificada no final do século XIX, quando as expedições e os estudos de campo começaram a ser utilizados como estratégias de pesquisa (MORSE, 1997). O surgimento do TC está ligado, ainda, à iniciativa de governos em parceria com a iniciativa privada em enviar pesquisadores a locais remotos para pesquisas e conhecimento de áreas

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

inexploradas (NOVELLI, 2005). Desde então, o termo vem sendo usado, na área de turismo, para caracterizar o trabalho realizado por exploradores para desbravar um determinado local (MARGONI, 2015; REVILLA; MOURE, 2017). Mais recentemente, outras pesquisas surgiram analisando o TC como importante estratégia para a proteção das áreas naturais e conscientização ecológica; oportunidade de ampliação de canais para a captação de recursos financeiros para o desenvolvimento da ciência; e ferramenta pedagógica e de acesso a informações qualificadas e críticas sobre os aspectos concernentes a uma viagem ou a um deslocamento (RÄIKKÖNEN *et al.*, 2019).

Nesse contexto, há um laboratório de uma universidade pública inserida na cidade do Rio de Janeiro, o qual vem promovendo projetos de pesquisa e extensão voltados à discussão teórica sobre o TC e à construção de roteiros de popularização da ciência. Portanto, este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir o processo de criação do roteiro de Turismo Científico “Caminhos da Loucura: a história da psiquiatria no Brasil”.

A criação do roteiro envolveu as seguintes etapas metodológicas: 1) Levantamento e análise de dados sobre a história e desenvolvimento da psiquiatria no Brasil. 2) Visitas de campo para seleção dos edifícios e espaços que iriam compor o roteiro. 3) Levantamento de imagens antigas e atuais dos edifícios e espaços selecionados. 4) Diálogo com os setores de recepção e/ou gerência dos edifícios selecionados. 5) Definição do percurso do roteiro e desenho da rota. 6) Redação do texto para guiamento. 7) Treinamento dos guias. 8) Realização de pré-testes. 9) Avaliações e readequações do roteiro. Após a realização de dois pré-testes, o roteiro foi avaliado pelos participantes por meio de um questionário aplicado de maneira virtual (*Google Forms*). A análise dos questionários possibilitou a reestruturação do roteiro e a adequação de alguns elementos importantes, como o tempo de duração e a linguagem utilizada.

Sendo assim, este artigo está estruturado em sete seções, além desta introdução. Na segunda seção está o debate sobre a divulgação científica no Brasil e seu impacto social. Na seção seguinte, uma breve revisão da literatura sobre o Turismo Científico. Na quarta seção, é discutida a questão da roteirização turística e, posteriormente, os aspectos metodológicos da pesquisa. Na sequência, a seção seis analisa o caso do roteiro de turismo científico “Caminhos da Loucura: a história da psiquiatria no Brasil”. Por fim, são abordadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 Divulgação Científica

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

A Divulgação Científica no Brasil tem início, ainda que de forma bastante embrionária, no século XIX, com as primeiras iniciativas de criação de Centros de Pesquisa e da Imprensa no Brasil⁴, por meio da publicação dos primeiros periódicos dedicados às ciências e às artes no país, e a realização das primeiras conferências científicas⁵. Mas ganhou alguma relevância no século XX, particularmente na década de 1920, com a criação da Academia Brasileira de Ciências⁶ (1916), da primeira emissora de rádio, a Rádio Sociedade⁷ (1923), e da Associação Brasileira de Educação⁸ (1924).

A partir de então começam a surgir nos livros, revistas e jornais diários temas de ciência, no intuito de estimular um debate mais amplo em torno da ciência e de seu impacto social, bem como de integrar a atividade de divulgação ao cotidiano dos pesquisadores como parte importante de suas responsabilidades profissionais e sociais (MOREIRA; MASSARANI, 2002). O Cinema passa também a integrar as iniciativas de divulgação científica com a criação, em 1936, do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), responsável pela realização de vários filmes com fins educativos e também de documentação científica, técnica e artística, incluindo temas como prevenção e tratamento de doenças, costumes, plantas e animais⁹.

Em 1948 é criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), uma entidade civil, sem fins lucrativos, que exerce um papel importante na expansão e no aperfeiçoamento do sistema nacional de ciência e tecnologia, bem como na difusão e popularização da ciência no país. Os primeiros anos de existência da SBPC coincidem com o reconhecimento e a institucionalização da ciência no Brasil e com a criação pelo governo federal de organizações como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 1951 (MOREIRA; MASSARANI, 2002).

⁴ Com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, foi suspensa a proibição de imprimir. A criação da Imprensa Régia, em 1810, permitiu a publicação de textos e manuais voltados para a educação científica, enquanto passaram a circular os primeiros periódicos, com artigos e notícias relacionados à ciência. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=14>. Acesso em: 21 mar. 2023.

⁵ Com destaque para as “Exposições Universais” e as “Conferências Populares da Glória”. Disponível em <http://www.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=14>. Acesso em: 21 mar. 2023.

⁶ Disponível em <https://www.abc.org.br/a-instituicao/sobreaabc/historia/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁷ A primeira rádio brasileira nasceu no seio da comunidade científica, em 1923, pouco tempo depois de serem emitidas as primeiras rádios transmissões no mundo. Foi criada a partir do desejo de cientistas e intelectuais da época de divulgar temas de ciência e tecnologia para o público geral. Disponível em <http://www.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=543&sid=15>. Acesso em: 21 mar. 2023.

⁸ Disponível em ABE – Associação Brasileira de Educação – Quem somos? (abe1924.org.br). Acesso em: 20 mar. 2023.

⁹ Disponível em <http://www.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3&sid=15>. Acesso em: 20 mar. 2023.

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

No final da década de 1970 surgem as primeiras tentativas de se produzir programas de televisão voltados para a ciência. No entanto, apesar da televisão ser um meio de comunicação em massa, ela nunca se concretizou como uma alternativa eficaz de divulgação científica. Outras estratégias se tornaram mais importantes, como, por exemplo, a revista *Ciência Hoje*¹⁰ (1982), que abriu caminho para outras publicações com objetivos similares (MOREIRA; MASSARANI, 2002).

A criação de centros e museus de ciência é também uma ferramenta cada vez mais valorizada para a difusão da ciência ao grande público, com destaque para o Jardim Botânico/RJ (1808), o Museu Nacional/RJ (1818), o Museu Paraense Emílio Goeldi/PA (1868) e o Museu Paulista/SP (1893). Mas é a partir da década de 1980, com o incentivo a partir de políticas públicas no âmbito dos governos federal e estaduais, que esses espaços se ampliam. Assim, foram criados o Espaço Ciência Viva/RJ (1983), o MAST-CNPq/RJ (1985), a Estação Ciência/SP (1987), a Casa da Ciência/RJ (1995), o Espaço Ciência/PE (1995), o Museu de Ciência e Tecnologia da PUC/RS (1998), o Museu da Vida/RJ (1999), dentre outros.

Nas últimas décadas, principalmente com o advento da internet, surgiram muitas iniciativas e ferramentas de DC. É importante destacar que as mídias sociais ganharam muito destaque na divulgação da ciência (sites, blogs, canais do *Youtube*, *Instagram*). Se antes os canais de difusão do conhecimento científico eram bem definidos, hoje os locais de produção e circulação do conhecimento se multiplicaram enormemente, sendo que os próprios usuários dessas mídias podem criar e transmitir informações, sem necessariamente passar pela intermediação de um educador, um jornalista ou um divulgador profissional. Esse fenômeno cria uma série de novos desafios, como a multiplicação de notícias falsas (*fake news*), por exemplo.

As discussões mais recentes sobre divulgação científica evidenciam o papel crucial do envolvimento das pessoas para que haja, além da comunicação, a apropriação do conhecimento e, ainda, a participação do público no processo de reflexão crítica sobre o papel da ciência e da tecnologia e seus efeitos sobre o cotidiano. Nesse sentido, apesar de ainda pouco presente na literatura acadêmica sobre DC, se faz relevante pensar sobre o potencial que o Turismo Científico pode ter como meio de aproximar as pessoas da ciência e fazer com que elas, de fato, interajam e se apropriem da ciência e, ainda, em alguns casos, participem dos processos de pesquisa. Os roteiros de TC podem inclusive se estabelecer

¹⁰O Instituto Ciência Hoje (ICH) é uma organização privada, sem fins lucrativos, voltada à divulgação científica no Brasil. É responsável pela publicação das revistas “*Ciência Hoje*” e “*Ciência Hoje das Crianças*”. Disponível em <https://cienciahoje.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2023.

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

como espaços de discussão e reflexão sobre os temas da ciência e tecnologia, principalmente aqueles em voga na sociedade.

3 Turismo Científico

O Turismo Científico (TC), ou turismo de ciência, pode ser definido de duas formas: 1) viagens internacionais para realização de uma investigação científica conduzida por cientistas (incluindo pesquisadores e estudantes), sendo este um fenômeno enraizado na descoberta e exploração científica desde o século XIX; 2) o turismo de lazer em que a ciência, o conhecimento científico e/ou o engajamento em pesquisas científicas são essenciais para a motivação e as experiências turísticas (RÄIKKÖNEN *et al.*, 2023).

A discussão sobre o TC foi recentemente apresentada em um artigo de Revisão Sistemática da Literatura (RSL), de autoria de Conti, Elicher e Lavandoski (2021), na Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. De acordo com a RSL, a discussão acadêmica sobre TC tem início na década de 1980:

quando surge pela primeira vez em dois artigos escritos no ano de 1989. Estes artigos, de autoria de Jan Laarman e Richard Perdue, foram publicados nos periódicos “*Tourism Management*”, com o título “*Tropical Science and Tourism: The case of OTS in Costa Rica*”, e “*Annals of Tourism Research*”, com o título “*Science Tourism in Costa Rica*” (CONTI; ELICHER; LAVANDOSKI, 2021, p.3).

É importante destacar também a incipiente produção acadêmica sobre o tema (CONTI; ELICHER; LAVANDOSKI, 2021), já que as autoras encontraram nas bases “*Web of Science*”, “*Scopus*” e “Publicações de Turismo” apenas 32 artigos que tratavam especificamente sobre TC, sendo quase a totalidade em inglês. A partir da análise da amostra, as autoras identificaram duas correntes de pensamento entre os autores: uma que o apresenta como um segmento de mercado, identificando-o como um subtipo de segmentos já consolidados; e outra que o classifica como um dos paradigmas do “turismo alternativo”.

Para o entendimento do TC como segmento, Conti, Elicher e Lavandoski (2021, p. 3-4) discutem que ele está frequentemente vinculado a subtipos de turismo. “Como subtipo do turismo cultural, o TC se configura como uma experiência em que o turista está em contato com a cultura do visitado, sendo que esta observação pode gerar a produção do conhecimento científico”. “Como subtipo do turismo de intercâmbio ou turismo educativo, o TC resulta no aprimoramento profissional ou na realização de programas específicos de aprendizado e treinamento”, podendo ser citado ainda o ecovoluntariado

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

científico. “Como subtipo do turismo de eventos, envolve a participação de estudantes e pesquisadores em eventos acadêmicos”. E, como subtipo do ecoturismo, compreende a produção de conhecimento científico a partir de atividades como geoturismo, astroturismo, espeleoturismo, *birdwatching*, estudos do meio em áreas naturais protegidas. Vale destacar que a pesquisa de Räikkönen *et al.* (2023) destaca que um dos nichos de mercado que mais cresce no turismo é o de natureza, envolvendo interações ou apreciação do ambiente natural, sendo esse nicho um guarda-chuva de várias formas de turismo, como “turismo de vida selvagem, ecoturismo e turismo de aventura”, o que já evidencia “a motivação dos turistas para participar de atividades específicas” (RÄIKKÖNEN *et al.*, 2013, p. 1214, tradução nossa).

A segunda corrente de pesquisadores do TC o entende como paradigma do “turismo alternativo” e como uma “renovação das motivações turísticas”. Assim, “o TC proporciona o desenvolvimento de experiências imersivas, o aumento dos intercâmbios culturais, a promoção de práticas ecológicas, a valorização do território e uma investigação existencial e vivencial que proporciona novos sentidos à viagem” (CONTI; ELICHER; LAVANDOSKI, 2021, p.4). No que diz respeito às motivações turísticas, um estudo realizado por Räikkönen *et al.* (2023) na Ilha de Seili, Finlândia, com a participação de 518 turistas, revelou que os turistas estavam interessados em visitas guiadas envolvendo interpretação científica e em excursões científicas intensivas. Aprender era uma motivação dominante, mas desfrutar da natureza e escapar e relaxar eram também motivações significativas.

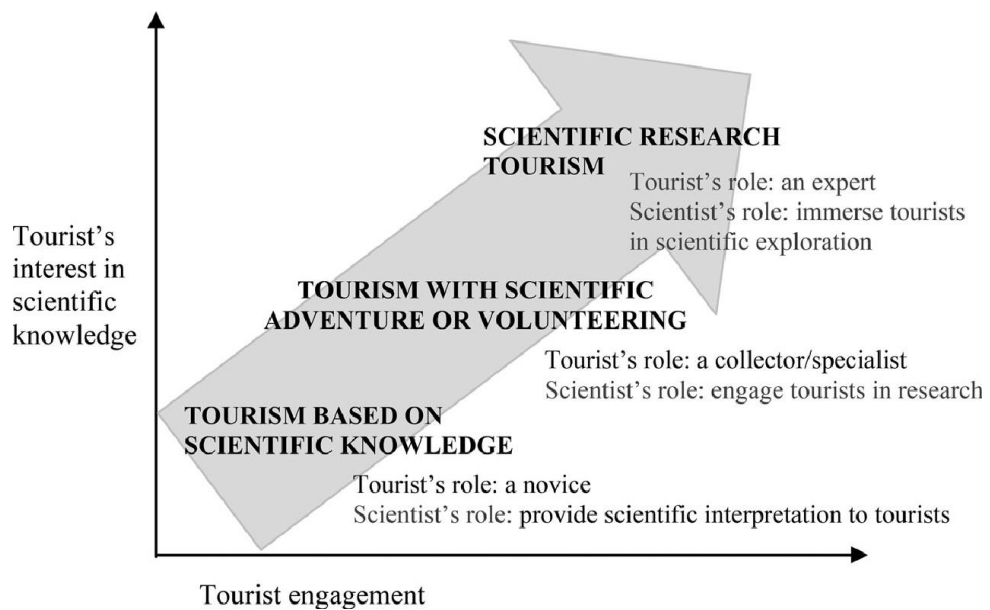
Nesse sentido, artigos mais recentes, publicados posteriormente ao recorte da RSL citada, reforçam que a ampliação e diversificação das práticas do turismo científico é evidência de uma mudança de paradigma na noção de turismo, a partir daquilo que qualifica as práticas sociais geográficas. “O turismo científico, na maioria das vezes, apresenta-se como a expressão de um turismo alternativo e um ‘pós-turismo’, permitindo a reinvenção de uma forma de turismo que é territorializada e obrigada a enfrentar as questões sociais do século 21”, permitindo “novas formas de governança territorial, o acesso à cultura científica e a ecocompatibilidade dos projetos turísticos” (CHAMBRU; CLAEYS; LEWIS, 2022, p. 3, tradução nossa). Além disso, tais inovações se relacionam com o fato de o TC focar mais na experiência do que no consumo local de produtos e atividades; ter como objetivo a caracterização do serviço por região; envolver vários atores dos setores público e privado, científico e turístico, bem como sua aceitação pela população; e colocar o turista no lugar de cidadão que atua para o desenvolvimento desejável de uma região (SCHOENY, 2022).

No que concerne ao fator educativo e de divulgação científica do TC, tem-se entendido que a viagem com este fim pode proporcionar estratégias educacionais de sentido mais amplo, em que o contato físico engrandece a experiência de aprendizado (CONTI; ELICHER; LAVANDOSKI, 2021).

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

O turismo científico revela, portanto, que múltiplas mediações podem ser implementadas na forma de novas experiências turísticas, associando prática recreativa e acesso ao conhecimento científico, a fim de sensibilizar o público para as questões sociais contemporâneas (CHAMBRU; CLAEYS; LEWIS, 2022). Rääkkönen *et al.* (2023) construíram uma estrutura capaz de exemplificar como se dá o processo de engajamento do turista nas experiências de TC, frente ao seu interesse pelo conhecimento científico, evidenciando que existem diferentes graus de motivação e participação do turista no TC (Figura 1):

Figura 1 - *Framework* do Turismo Científico



Fonte: Rääkkönen *et al.* (2023).

O *Framework* apresentado destaca a intensificação do interesse dos turistas pelo conhecimento científico e engajamento turístico, identificando três tipos de TC. No primeiro, denominado “turismo baseado no conhecimento científico”, o turista pode ser descrito como novato e o pesquisador tem o papel de fornecer e interpretar as informações científicas para ele. No segundo, identificado por “turismo com aventura científica ou voluntariado”, os turistas caracterizam-se como especialistas que se dedicam à pesquisa do cientista. No terceiro tipo, “turismo de pesquisa científica”, os turistas são considerados como experts que estão imersos na exploração científica (RÄÄKKÖNEN *et al.*, 2023).

É importante ressaltar ainda que muitos artigos de estudos de caso ao redor do mundo evidenciam potencialidades para a promoção do TC como alternativa de desenvolvimento econômico das comunidades inseridas nas regiões contempladas pelas ações de turismo científico, ou seja, a ciência é percebida como um recurso para o desenvolvimento territorial e desenvolvimento do turismo (CONTI;

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

ELICHER; LAVANDOSKI, 2021; SCHOENY, 2022; BOURLON; VIALETTE; MAO, 2022). Os artigos mais recentes trazem essa premissa aos estudar casos de TC em regiões de montanha (como os Alpes Franceses); na Patagônia Chilena; em Geoparques e Geossítios de diversos países; em Parques Nacionais; dentre outros.

4 Roteirização Turística

O tema da “roteirização turística” é explorado de forma incipiente na literatura científica. Segundo Cisne e Gastal (2009), o levantamento da produção acadêmica evidencia que há ainda pouco conhecimento científico capaz de abarcar a complexidade desse termo, além de ter sido tratado com limitações e a partir do senso comum.

Os roteiros turísticos constituem uma das principais formas de contextualizar os atrativos existentes em uma localidade e, conseqüentemente, potencializar seu poder de atratividade. O objetivo principal da roteirização é oferecer ao consumidor/turista a maior gama de informações sucintas, mostrar o local que será visitado e seus principais diferenciais, estimulando no turista seu interesse para conhecer cada atrativo turístico. Assim, o roteiro turístico resume o processo de ordenamento dos elementos intervenientes na efetivação de uma visita e/ou viagem. Ademais, pode estabelecer as diretrizes para desencadear a posterior circulação turística, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional dos atrativos. Ou seja, a roteirização confere realidade turística aos atrativos que estão dispersos através de sua integração e organização (BAHL, 2004).

Desta forma, um roteiro deve ser elaborado conforme o potencial e as características do espaço geográfico para uma certa demanda. Ainda do ponto de vista conceitual, Petrocchi e Bona (2003) caracterizam o roteiro turístico como a organização de uma ou mais atrações turísticas, interligadas a um percurso que deve conter instalações e serviços turísticos, como transporte, hospedagem, alimentação, entre outros. Na mesma direção, Moletta (2002) o define como um pequeno plano de viagem em que o turista tem a descrição de todos os pontos a serem visitados, o tempo de permanência em cada local e a noção dos horários de parada.

Brambatti (2002) e Scherer (2014) entendem roteiro turístico como o percurso ou caminho percorrido por turistas, onde os atrativos se encadeiam de forma organizada e as paisagens, cultura e arquitetura se fundem. Ou seja, para que possa existir um roteiro, são necessários planejamento e a existência de uma infraestrutura mínima para atender ao visitante, formando uma cadeia produtiva. Os

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

roteiros podem ser organizados por agência (roteiro programado) ou criados pelo próprio turista (roteiro espontâneo).

Para Tavares (2002), os roteiros turísticos representam uma das maneiras de contextualizar atrativos e aumentar o seu potencial de atratividade. Neles, os atrativos estão inseridos em um contexto maior, mas, de forma geral, os roteiros, por si só, são um atrativo. A autora afirma que os roteiros não devem ser concebidos tão somente como uma sequência de atrativos a serem visitados, mas como uma importante ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade.

No Manual Técnico de Desenvolvimento e Operação de Produtos e Roteiros Turísticos (CREATO, 2005), o roteiro turístico é definido como sendo aquele que aborda temas específicos, além de identificar e combinar as principais potencialidades do ambiente natural e cultural de uma região, interpretando-as, combinando-as e transformando-as em produtos turísticos comercializáveis, o que exclui, segundo Bahl (2004), a possibilidade de existência de roteiros turísticos panorâmicos ou gerais.

A perspectiva do planejamento do turismo é importante para a concepção, o desenvolvimento e a avaliação de roteiros (JASPER, 2012). Nesse planejamento está envolvido um conjunto de elementos que se referem: a) à logística utilizada pelo turista e sua adequação ao local; b) à qualidade e número de atrativos visitados; c) aos serviços, por exemplo, de hospedagem e alimentação ofertados; e d) ao tempo envolvido no roteiro, que necessita de uma sincronização entre seus elementos/atrativos (BAHL, 2004).

Na visão de Meyer (2004) elementos territoriais também são importantes para a roteirização e para alcançar seus objetivos, sendo necessários os seguintes elementos: a) redes de cooperação e liderança local/regional; b) desenvolvimento de produtos, infraestruturas e acesso; c) participação da comunidade, empreendedorismo e inovação; d) informação e promoção; e e) foco social, valorizando as iniciativas locais de desenvolvimento.

O Ministério do Turismo, por sua vez, trata a roteirização como a forma de organizar e integrar a oferta turística do país, gerando produtos rentáveis e comercialmente viáveis. É voltada para a construção de parcerias e busca promover a integração, o comprometimento, o adensamento de negócios, o resgate e a preservação dos valores socioculturais e ambientais da região. Ademais, define roteiro turístico como “itinerário, caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística” (BRASIL, 2007, p. 19).

Nesse contexto, é destacado o potencial endógeno na criação de roteiros, em linha com Meyer (2004). Como tem caráter participativo, a roteirização deve estimular a integração e o compromisso de

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

todos os protagonistas desse processo, não deixando de desempenhar seu papel de instrumento de inclusão social, resgate e preservação dos valores culturais e ambientais existentes. A roteirização deve ter como foco a construção de parcerias, as quais podem se dar nos níveis municipal, regional, estadual, nacional e internacional.

5 Metodologia

Este trabalho analisa parte dos resultados de um Projeto de Extensão cadastrado desde 2022 junto a uma universidade pública inserida na cidade do Rio de Janeiro. Esse projeto vem sendo desenvolvido por professores e alunos, em parceria com outras universidades públicas, sendo uma de suas atuações a construção de roteiros de turismo científico.

A temática do primeiro roteiro foi definida como a “história da psiquiatria no Brasil”. Essa história tem início nas edificações do campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (também denominado campus Praia Vermelha) e é bastante desconhecido pela comunidade em geral. Outra justificativa para a definição do primeiro roteiro de TC foi a necessidade de iluminar a importância do edifício onde hoje está localizada a Casa da Ciência/UFRJ. Além de sua importância arquitetônica, o edifício faz parte da história da ciência e é hoje um Centro Cultural com a missão de aproximar o público da ciência e da tecnologia e contribuir para a construção de políticas de expansão de espaços e atividades de popularização da ciência.

Inicialmente, para a construção do roteiro em questão, foram formados grupos de trabalho (envolvendo professores e alunos das instituições parceiras, vinculados aos projetos de extensão que foram cadastrados nessas universidades) para levantamento e sistematização de informações e publicações científicas sobre a história da psiquiatria, especificamente sobre o Hospício Pedro II (atual Palácio Universitário da UFRJ), primeira instituição voltada a receber e tratar os “loucos” da cidade, inaugurado em 1852. Várias outras edificações da UFRJ também fazem parte dessa história: a sede da Fundação José Bonifácio, o Diretório Central dos Estudantes, o Instituto de Psicologia, o Instituto de Psiquiatria, o Instituto de Neurologia Deolindo Couto e a Casa da Ciência. Há também o prédio da reitoria da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que serviu de residência para o administrador do hospício. Portanto, foi preciso encontrar artigos, livros, dissertações, teses ou reportagens da época que trouxessem informações sobre a arquitetura original dos edifícios, as reformas e adaptações realizadas ao longo dos anos, a finalidade a que cada edifício se destinava, o cotidiano dos pacientes ali atendidos ou internados, a evolução dos tratamentos dispensados, os médicos e

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

administradores que estavam à frente dessas instituições e suas bases teóricas de orientação, ou seja, todas as informações necessárias para contar a história da ciência conhecida como psiquiatria e a história da saúde mental no Brasil.

Foram oito meses de levantamento e análise de dados e imagens, além de visitas a campo, até que o primeiro protótipo do roteiro fosse construído. Foram inclusas informações básicas como acesso ao campus, duração do roteiro, trajeto a ser percorrido, pontos de parada, além da história a ser contada ao longo da visita. Sobre as visitas de campo, elas foram realizadas em dois momentos, no primeiro para identificação e mapeamento dos edifícios (elaboração de mapa ilustrativo do campus) e, no segundo, para conversas com os administrados e/ou porteiros dos prédios sobre o acesso aos espaços, e para levantamento dos museus e centros/salas de exposição existentes em cada um deles, bem como seus horários de funcionamento e regras de visita.

Na sequência, foram realizados dois pré-testes do roteiro (dezembro de 2022 e junho de 2023), com o guiamento sendo feito por alunos credenciados como guias de turismo¹¹. Participaram do primeiro pré-teste alguns pesquisadores envolvidos no projeto e uma turma de graduação do curso de Turismo da UNIRIO, totalizando 11 participantes. O segundo pré-teste foi realizado com outra turma do curso de Turismo da UNIRIO, totalizando 14 participantes.

Ao final de cada guiamento realizado, foi disponibilizado um link para avaliação do roteiro (*Google Forms*), a fim de que ele pudesse ser aprimorado. As respostas foram tabuladas em *Excel* e analisadas pela técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010).

6 Resultados: o Roteiro “Caminhos da Loucura: a história da psiquiatria no Brasil”

O roteiro “Caminhos da Loucura: a história da psiquiatria no Brasil” é composto por oito paradas, todas no campus da UFRJ. Ao longo do percurso o visitante/turista é apresentado a um contexto que remonta a meados do século XIX e que justifica o entendimento que se tinha à época sobre os “loucos” e os tratamentos dispensados aos doentes mentais. Fala-se sobre os pesquisadores e médicos renomados da época (estrangeiros e brasileiros), suas linhas de pensamento e as informações científicas que existiam e embasaram as tomadas de decisões sobre os tratamentos dispensados aos primeiros internos do Hospício Pedro II. Ao longo do roteiro, essa história vai avançando, conforme a ciência e a

¹¹ Para ser guia de turismo a pessoa precisa ter concluído um curso técnico de Guia de Turismo e estar cadastrada no Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (CADASTUR).

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

medicina também se desenvolvem, até chegar a uma reflexão atual sobre a reforma psiquiátrica e o movimento antimanicomial.

O visitante/turista tem acesso, portanto, a informações históricas e arquitetônicas sobre as edificações, a informações sobre o funcionamento do hospício e demais instalações por onde os internos e pacientes transitavam, e informações sobre o desenvolvimento da psiquiatria enquanto ciência, como demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 – Roteiro Caminhos da Loucura: a história da psiquiatria no Brasil

	Nome original	Nome Atual	Breve histórico
1	Hospício Pedro II	Palácio Universitário	<p>Na década de 1830, a forma como viviam os “loucos” da cidade (trancados em casa, presos nos porões da Santa Casa ou soltos pelas ruas) motivou denúncias. A criação do HPII (decreto imperial de 18/07/1841) resultou de uma campanha de membros da Academia Imperial de Medicina. O edifício em estilo neoclássico, quadrangular e simétrico, no modelo pavilhonar, era composto por enfermarias separadas por alas e grandes pátios internos, grandes janelas e portas, com boa ventilação e insolação. Seguiu concepções higienistas, importadas da Europa. A assistência aos doentes seguia a distinção de classe e gênero: no primeiro piso ficavam as seções de indigentes (escravos e marinheiros, por exemplo). A seção masculina recebeu o nome de Pinel e a feminina, Esquirol; no segundo piso ficavam as seções de pensionistas, a seção masculina denominada Calmeil e a feminina, Morel.</p> <p>No período de criação do HPII, é importante destacar o papel do médico Joseph F. Xavier Sigaud (médico francês que emigrou para o Brasil em 1825), um dos defensores do isolamento terapêutico aos loucos. Também o Dr. Antônio Luís da Silva Peixoto que, em 1837, defendeu a tese "Considerações Gerais sobre Alienação Mental". Ambos tomam como referência as obras dos fundadores do alienismo francês, Pinel e Esquirol. Para Pinel, era preciso estudar as manifestações da alienação e descrever seus traços de caráter físico e moral. Ele via nas paixões da alma e nos excessos as causas da loucura. Cabia então ao alienista trazer o alienado de volta ao domínio da razão. O isolamento e os trabalhos corporais eram ressaltados como um meio de cura da alienação mental. No HPII havia oficinas de costura, fabricação de flores de tecido e papel, carpintaria, sapataria.</p> <p>Com a entrada do diretor Juliano Moreira, em 1903, a edificação passou por modificações internas, com serviços de tratamentos especializados e instalações: salas de visita, leitura, recreação e biblioteca.</p> <p>O hospício foi criado para abrigar 300 pessoas, mas chegou a ter 3 mil internos. Sofreu com a superlotação, até ser fechado em 1944. Alguns anos depois o terreno foi cedido à Universidade do Brasil, atual UFRJ.</p>
2	Pavilhão das Imundas /	Fundação Universitária	<p>Na atual edificação da FUJB ficava o Pavilhão das Imundas/Desasseadas, onde eram alojadas as pacientes que não</p>

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

	Oficinas de Trabalho	José Bonifácio (FUJB) / Diretório Central de Estudantes (DCE)	conseguiram se manter limpas. Ao que tudo indica, a construção é a mais antiga do campus, anterior ao Palácio, e recebeu pacientes antes mesmo da inauguração do HPIL. O Pátio em frente ao Pavilhão servia como espaço de relaxamento. Ao lado, o DCE ocupa o que seriam salas de oficinas de trabalho, construídas em 1860, também usadas como enfermarias.
3	Lavanderia do Hospício	Instituto de Psicologia (IP)	O IP se instalou na antiga lavanderia do hospício. Tratava-se de uma lavanderia a vapor, construída entre 1892 e 1894, com dois salões de lavagem, um grande engomador, duas rouparias, sala de remendo, uma estufa de desinfetar. A maquinaria era importada da Europa. A criação de uma lavanderia a vapor atendia a princípios higiênicos e de desinfecção, introduzidos pela bacteriologia. Foi desativada com o fim do hospício, em 1944.
4	Pavilhão de Observação	Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB)	Criado em 1892, o Pavilhão de Observações Clínicas era uma unidade da Assistência Médico-Legal de Alienados, para avaliação gratuita dos suspeitos de alienação mental. Era dirigido pelo catedrático da Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas da Faculdade de Medicina do RJ. Em 1908 foi criado um ambulatório para consultas externas gratuitas e o serviço de psicologia experimental. Ao longo dos anos, os indivíduos foram tratados não apenas com base nas teorias europeias, mas também se construía uma ciência psiquiátrica brasileira. Surgiram espaços para a prática de ginástica, balneoterapia, hidroterapia, gabinete eletroterápico, anfiteatro e ateliê de fotografia. Henrique Roxo, que esteve à frente da Clínica Psiquiátrica da FMRJ (1921 a 1945), articulou a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB), Lei nº 452 (05/07/1937). Como seu primeiro diretor, buscou estabelecer um espaço autônomo de ensino e produção científica, nos moldes da psiquiatria germânica.
5	Instituto de Neurosífilis	Instituto Municipal Philippe Pinel	No início de 1920, no terreno do hospício, foram criados o Dispensário Afrânio Peixoto e o Ambulatório Gaffrée Guinle. Eram serviços abertos para tratamento de doenças venéreas, (sobretudo sífilis). Em 1937 o local passou a se chamar Instituto de Neurosífilis. Com a redução dos casos de sífilis, a instituição foi reorientada para uma política preventiva. Na década de 1960, esse conjunto deu lugar ao Hospital Pinel e em 1994, Instituto Philippe Pinel. Neste momento, a aprovação de novo Regimento Interno atribuiu-lhe funções adicionais de Ensino e Pesquisa em Psiquiatria e Saúde Mental, e assume o compromisso com os princípios da Reforma Psiquiátrica.
6	Instituto de Neurologia	Instituto de Neurologia Deolindo Couto	Os primeiros anos da história da neurologia se confundem com a história da psiquiatria ou da neuropatologia (termo usado para os estudos sobre doenças mentais e moléstias nervosas). Em 1878, João Vicente Torres Homem foi um dos pioneiros na FMRJ sobre moléstias do sistema nervoso. Mas, somente em 1912, a neurologia se constituiu como cadeira autônoma da faculdade. A cátedra foi assumida por Antônio Austregésilo e os estudos práticos ocorriam na 20ª enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde era chefe da Clínica Neurológica. A partir de 1926, a prática passou a ocorrer em um pavilhão no terreno do hospício. Outro nome importante na história do Instituto é o de Nise da Silveira, que fez especialização com Austregésilo. Por se opor aos

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

			tratamentos psiquiátricos em voga à época (choque elétrico, choque insulínico, cardiazol, lobotomia), ficou responsável pelo setor de terapia ocupacional, orientada pelas teses do psicanalista Carl Gustav Jung. Em 1946, o discípulo e sucessor de Austregésilo, professor Deolindo Couto, conseguiu apoio político e financeiro para criar o Instituto de Neurologia.
7	Bosque	Bosque (Área de atividades da Faculdade de Educação Física)	Como indicavam os preceitos científicos da época, os sanatórios para o tratamento da Tuberculose deveriam estar imersos na natureza para que os doentes pudessem usufruir os benefícios medicinais da aeração (ventilação) e da helioterapia (dos raios solares). Por isso foi criado o Bosque, nos fundos do terreno do Hospício. Juliano Moreira providenciou a arborização do entorno da área recém-construída. Foram 150 mudas de árvores, oriundas da Quinta da Boa Vista, com 22 espécies. Os internos tuberculosos ficavam fora da enfermaria, à sombra das árvores.
8	Pavilhão Alaor Prata	Casa da Ciência	Desde o final do século XIX, a tuberculose já era denunciada pelo seu caráter endêmico na cidade do Rio de Janeiro. Comum nos grandes centros urbanos, o médico francês Louis Landouzy (1845-1917) chegou a afirmá-la como uma pandemia, em 1900, no Congresso Internacional de Higiene e Demografia, realizado em Paris. Também no Brasil, os médicos alienistas passaram a chamar a atenção para o grande número de doentes dentro dos hospícios. Especulava-se uma relação entre a loucura e a tuberculose. A adoção da teoria bacteriológica (as doenças podem surgir da ação de microrganismos, conhecidos patógenos ou "germes") contribuiu para o fortalecimento do discurso médico em defesa do isolamento e de várias medidas de higiene dentro dos hospitais e instituições psiquiátricas. Assim, o Pavilhão Alaor Prata foi um pavilhão-enfermaria de isolamento de pacientes tuberculosos, construído em 1925/26, por requisição de Juliano Moreira. Com o fim do hospício, o espaço passou para a Escola Nacional de Educação Física e em 1995 passou a sediar a Casa da Ciência da UFRJ.

Fonte: Elaboração própria a partir do texto do Roteiro Caminhos da Loucura.

O quadro apresenta apenas parte do conteúdo trabalhado no roteiro que, no seu primeiro pré-teste (12/2022), teve a duração de 2 horas e meia. Neste quesito, os resultados das avaliações dos participantes evidenciam que cinco (45%) julgaram o tempo muito longo. Sobre a quantidade de paradas ao longo do percurso, oito avaliações foram “bom” ou “excelente”, e três avaliaram como “mediano”. Este aspecto nos remete a uma questão importante da organização de um roteiro que é a sua duração, o que pode determinar o nível da atratividade e levar ao aumento do interesse pelo que é ofertado. O bom roteiro é aquele que prende a atenção do visitante, desperta seu interesse e não se torna enfadonho. Um roteiro muito longo pode ser um aspecto negativo.

Quanto à qualidade do guiamento e às explicações dos guias, um participante avaliou negativamente, dois julgaram que esse quesito foi “mediano” (18%) e os demais (72%) avaliaram como

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

“bom” ou “excelente”. Vale destacar que o guiamento foi realizado por alunos do curso de graduação em Turismo que, apesar de já credenciados como guias de turismo por outras instituições, possuem pouca experiência prática e realizaram o guiamento de um roteiro com esse teor pela primeira vez e de forma voluntária. Neste requisito, por se tratar de um roteiro de turismo científico, percebeu-se que a predisposição/motivação do visitante em ouvir sobre um tema mais específico, pouco usual, é um fator determinante para o julgamento sobre a qualidade do guiamento. Contudo, novamente reforça-se a necessidade de que o conteúdo seja trabalhado de forma interessante e com linguagem acessível, mesmo abordando conhecimentos científicos de forma mais aprofundada.

Quanto ao conhecimento adquirido e à experiência educacional, todos avaliaram positivamente a iniciativa, e a maioria (81%) julgou que o roteiro é atrativo e poderia ser apreciado por outros visitantes (apenas dois participantes avaliaram que o roteiro é “mediano” em sua atratividade). Ainda que o conteúdo oferecido seja mais difícil de ser absorvido e exija mais do visitante, a experiência gerada num roteiro de turismo científico é, sem dúvida, uma contribuição para a construção do conhecimento e, portanto, encerra em si um aspecto pedagógico importante, mesmo que para a comunidade em geral e não apenas para a acadêmica.

Na escala de 1 a 5 (sendo 1 a pior nota e 5 a melhor), as notas atribuídas ao roteiro foram: seis participantes deram nota 5, quatro deram nota 4, e um participante deu nota 3. Apenas um participante não recomendaria o roteiro para outras pessoas. Ainda que tímido, esse resultado exalta o valor de roteiros de turismo científico, seja por seu aspecto pedagógico, seja pela possibilidade de trazer ao público em geral temas não óbvios e despertar o interesse pelo conhecimento da ciência em geral. É, portanto, formativo e contribui para a popularização da ciência.

Quando questionados sobre o que mais gostaram na visita, diversos participantes destacaram a possibilidade de entrar em prédios históricos e conhecer os espaços internamente, além de ter acesso a informações de lugares do cotidiano. Outro ponto de destaque foi o guiamento realizado dentro do Instituto de Neurologia Deolindo Couto por funcionário do próprio local, que possibilitou o acesso a salas de exposição e explicações detalhadas sobre instrumentos médicos utilizados na época e tratamentos dispensados aos pacientes. Esse fato reforça a questão sobre a necessidade de guias treinados no assunto a ser apresentado, para que os roteiros de TC levem os visitantes/turistas a acessar, compreender e refletir sobre determinado conhecimento científico.

Como recomendações, os participantes citaram a utilização de imagens e mapas para ilustrar as falas dos guias; a redução do tempo e da quantidade de informações passadas; a realização de intervalo

**TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA
ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO
CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A
HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”**

em algum momento da visita; a utilização de microfone; e a adequação das falas para que as informações científicas possam ser melhor compreendidas pelos leigos no assunto em questão.

Levando em consideração a avaliação e as recomendações derivadas desse primeiro pré-teste, algumas adaptações foram realizadas a fim de que o roteiro pudesse ser realizado em um tempo mais curto e a linguagem se tornasse mais acessível e interessante, incluindo curiosidades e momentos de maior interação com o público. Para isso, foram necessárias reprogramações quanto aos locais de parada e fala dos guias, além de um treinamento mais intenso, de modo que o guiamento pudesse ser realizado de forma mais leve e orgânica. Foram incluídas fotos de como eram os edifícios na época do hospício e fotos dos próprios internos e médicos em seu cotidiano.

Sendo assim, o segundo pré-teste do roteiro, realizado em junho de 2023, teve a duração de 1 hora e 40 minutos e todos os participantes avaliaram o tempo e a quantidade de paradas como “bom” ou “ótimo”. A qualidade do guiamento e as explicações do guia foram avaliadas como excelentes por 11 participantes (78,5%), sendo que os demais avaliaram como “bom”. Esses resultados demonstram que a readequação do roteiro e o melhor preparo do guia foram percebidos positivamente pelos participantes. Alguns chegaram a citar a comunicação do guia como o aspecto que mais gostaram no roteiro, o que reforça a importância dessa mediação, principalmente quando o objetivo é a comunicação da ciência.

Quanto ao conhecimento adquirido, todos avaliaram positivamente a iniciativa, sendo que 12 participantes (85,7%) julgaram a experiência educacional/científica proporcionada pela atividade como excelente. A maioria julgou que o roteiro é atrativo e poderia ser apreciado por outros visitantes. E todos concordaram que recomendariam o roteiro para outras pessoas. Na escala de 1 a 5, as notas atribuídas ao roteiro foram: doze participantes deram nota 5 e dois deram nota 4. Ou seja, comparativamente ao primeiro pré-teste, todas as avaliações tiveram melhores resultados.

Quando questionados sobre o que mais gostaram na visita, os aspectos históricos dos edifícios, as personalidades que passaram pelo hospício e o aprofundamento sobre a história da psiquiatria, foram os quesitos mais citados. As fotos e a boa comunicação do guia também foram mencionadas.

Como recomendações, os participantes citaram a necessidade de um microfone mais alto (a utilização de microfone foi uma das recomendações incorporadas ao roteiro, mas por se tratar de um ambiente universitário, há um limite de ruído que pode ser produzido nos espaços percorridos).

Levando em consideração as duas experiências de guiamento analisadas, as principais palavras que os participantes utilizaram para descrever o roteiro foram “descoberta”, “novidade”, “conhecimento”, “inovação” e “história”. Além disso, a maioria (81,8% no primeiro pré-teste e 92,9% no segundo pré-teste) reconhece que o roteiro Caminhos da Loucura pode ser classificado como um

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

roteiro de turismo científico (previamente, quando a partir da apresentação inicial do roteiro, foi informado aos participantes que o turismo científico é o processo de elaboração de conhecimento científico a partir das experiências turísticas).

Portanto, a partir do processo de elaboração do roteiro e das experiências práticas de guiamento relatadas e avaliadas nesta seção, entende-se que o roteiro Caminhos da Loucura se enquadra como uma iniciativa de TC, inserida no campo da divulgação e popularização da ciência.

7 Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo apresentar o Turismo Científico (TC) como um caminho possível e promissor para a popularização da ciência, por meio da elaboração de roteiros turísticos com essa finalidade. Sendo assim, a experiência de elaboração do roteiro de TC “Caminhos da Loucura: a história da psiquiatria no Brasil” exemplifica como o turismo pode ser utilizado para a divulgação científica, mas também sobre particularidades envolvidas no processo de construção de um roteiro com esse teor.

A dificuldade para adequação do conteúdo e dados científicos ao público em geral, além de se conseguir realizar uma visita de alto teor científico em um curto espaço de tempo, foram os principais obstáculos enfrentados. E essa experiência evidenciou, sobretudo, a necessidade de interlocução de profissionais e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, já que a construção de um roteiro de TC requer os conhecimentos técnicos de elaboração de roteiros, conhecimentos específicos sobre o assunto a ser trabalho, conhecimentos sobre adaptação da linguagem e dos conteúdos, além dos conhecimentos sobre guiamento.

Por outro lado, auxiliou para mostrar e reforçar a importância do processo de organização de um roteiro com este assunto, que resume o processo de ordenamento dos elementos intervenientes na efetivação de uma visita e/ou viagem e pode, segundo Bahl (2004), desencadear a posterior circulação turística, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional de atrativos com conteúdos científicos. Assim, pode conferir realidade turística aos atrativos que estão dispersos através de sua integração e organização.

A equipe do projeto ao qual o roteiro está vinculado realizou, até o momento, três etapas do planejamento do roteiro turístico, dentre elas: concepção, desenvolvimento e avaliação (JASPER, 2012). Essas etapas foram realizadas com um público restrito. Os próximos passos envolvem a confecção de identidade visual e layout para publicação de material de divulgação (físico e virtual) do roteiro, além de sua sinalização via QR Code. Outra iniciativa em curso é a filmagem do roteiro para disponibilização

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

nas redes sociais, a fim de alcançar o público interessado no tema e possibilitar a realização do roteiro de forma autoguiada.

Outra alternativa de divulgação da ação é por meio da disponibilização do texto desenvolvido para que guias de turismo profissionais possam promover o roteiro. Isto traria uma maior visibilidade às Instituições, ao projeto e aos pesquisadores envolvidos na pesquisa, além de ser uma forma de popularização do conhecimento científico conjugada com uma atividade de lazer para o público interessado.

As limitações desta pesquisa estão ligadas ao público ainda pequeno que participou da realização do roteiro. Portanto, ele ainda será realizado outras vezes, com públicos diversos, para melhor compreensão das avaliações e adequações que se mostrarem necessárias.

Assim, as contribuições do presente estudo passam pela pesquisa científica desenvolvida sobre o tema da psiquiatria no Brasil e a criação de um material (que reúne textos e imagens) fundamentais para a atividade de guiamento. Ademais, o roteiro elaborado é um instrumento de popularização da ciência e, nesse sentido, oferece contribuição para as diferentes áreas do conhecimento, além de ser uma iniciativa de aproximação da academia com a sociedade por meio da extensão universitária e da prática do turismo científico. A partir da consolidação desta primeira iniciativa, outros roteiros de TC precisarão ser elaborados e avaliados, para que se possa então entender a eficácia desta estratégia de divulgação científica.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAHL, M. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BOURLON, F.; VIALETTE, Y.; MAO, P. Science as a resource for territorial and tourism development of mountainous areas of Chilean Patagonia. **Journal of Alpine Research**, v.110, n.1, 2022.

BRAMBATTI, L. E. (org.). **Roteiros de turismo e patrimônio histórico**. Porto Alegre: EST, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil – Módulo Operacional 7 – Regionalização turística**. Ministério do Turismo. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/roteiros_brasil/roteirizacao_turistica.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

CHAMBRU, M.; CLAEYS, C.; LEWIS, N. The development of scientific tourism in mountain regions: challenges and issues for territories in transition. **Journal of Alpine Research**, v.110, n.1, 2022.

CISNE, R. N. C.; GASTAL, S. A produção acadêmica sobre roteiro turístico: um debate pela superação. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6., 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, 2009. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/109.pdf> Acesso em: 10 out. 2023.

CONTI, B. R.; ELICHER, M. J.; LAVANDOSKI, J. Revisão sistemática da literatura sobre Turismo Científico. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR)**, v. 15, n. 2, p. 11-23, 2021.

CREATO, Oficina de Roteiros. **Manual técnico de desenvolvimento e operação de produtos e roteiros turísticos**. 10. ed. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/53862994/Manual-Tecnico#>. Acesso em: 13 abr. 2023.

JASPER, J. R. Roteiros turísticos rurais: um estudo de caso do Roteiro Turístico Delícias da Colônia - Estrela, Colinas e Imigrante (RS). In: CERETTA, C. C.; JASPER, J. R. (orgs.). **Turismo no espaço rural: oportunidades e sinergias contemporâneas**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2012, p. 83-109.

MARANDINO, M.; ISZLAJI, C.; CONTIER, D. A divulgação da ciência por meio da mídia: análise textual de websites. REUNIÃO BIENAL DA REDE DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE, 14., 2015, Medellín, Colômbia. **Anais [...]**. Medellín, 2015, p. 1-6. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2015/08/A-divulgacao-da-ciencia-por-meio-da-midia-analise-textual-de-websites.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MARGONI, C. C. Turismo científico: conhecimento produzido em viagens. In: NETTO, P. A.; ANSARAH, M. G. R. **Produtos turísticos e novos segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização**. São Paulo: Manole, 2015, p. 163-173.

MEYER, D. **Tourism routes and gateways: key issues for the development of tourism routes and gateways and their potential for pro-poor tourism**. London: Overseas Development Institute, 2004.

MOREIRA, I.; MASSARANI, L. Aspectos Históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I.; BRITO, F. **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – UFRJ, 2002, p. 43-64.

MOLETTA, V. F. **Turismo rural**. 3. ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2002.

MORSE, M. A. All the world's a field: a history of the scientific study tour. **Progress in Tourism and Hospitality Research**, v. 3, p. 257-269, 1997.

NOVELLI, M. **Niche Tourism: contemporary issues, trends and cases**. Oxford: Elsevier, 2005.

PETROCCHI, M.; BONA, A. **Agências de turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 2003.

TURISMO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO “CAMINHOS DA LOUCURA – A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NO BRASIL”

RÄIKKÖNEN, J.; ROUHIAINEN, H.; GRÉNMAN, M.; SÄÄKSJÄRVI, I. Advancing environmental sustainability through nature-based science tourism: the potential of universities. **Matkailututkimus**, v. 15, n. 1, 67-87, 2019.

RÄIKKÖNEN, J. GRÉNMAN, M.; ROUHIAINEN, H.; HONKANEN, A.; SÄÄKSJÄRVI, I. Conceptualizing nature-based science tourism: a case study of Seili Island, Finland. **Journal of Sustainable Tourism**, v.31, n.5, p.1214-1232, 2023.

REVILLA, M. R. G; MOURE, O. M. Turismo científico y ciudades del futuro. **International Journal of Scientific Management and Tourism**, v. 3, n. 1, p. 123-130, 2017.

SCHERER, L. **Roteirização turística no espaço rural: estudo longitudinal da Rota Colonial Baumschneis – Dois Irmãos, Rio Grande do Sul.** 2014. 269 p. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

SCHOENY, A. The pôle d'accueil Universitaire Séolane in Barcelonnette: qualitative analysis of scientific tourism between mountain experimentation and mediation. **Journal of Alpine Research**, v.110, n.1, 2022.

TAVARES, A. M. **City-tour.** São Paulo: Aleph, 2002.

TOSTES, R. A. A importância da divulgação científica. **Revista Acadêmica**, v. 4, n. 4, p. 73-74, 2006.